

## Papéis da prisão – Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)

**2** 000 folhas; 17 cadernos (numerados e datados para esta edição). Desde a condenação, em 1961, pelo regime ditatorial português, até 1972, quando, em liberdade condicional, deixou o Tarrafal com destino a Lisboa, Luandino Vieira foi guardando desenhos e anotando as “memórias do cárcere”, além da preservação de parte da correspondência que manteve, no interior da prisão e para o exterior. Para tal foi determinante a cumplicidade de Linda, a mulher-amor de Luandino, cuja memória estes **Papéis da prisão** homenageiam.

No âmbito de um projeto de Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi organizaram este espólio, contando com o apoio do autor. O livro abre, aliás, com Luandino contando a história da sua prisão, pela PIDE. Prossegue, depois, explicado pelos organizadores em “Papéis críticos avulsos”. Trata-se de uma excelente apresentação-reflexão.

Abre com “Precariedade”, para sublinhar que desta condição é que resulta o vigor do registo desta “infinita memória da dor que se acumulou ao longo do século XX”, e prossegue com “Fragmento”, a forma dominante dos Papéis que, longe de ser contingência, se torna matéria libertadora. “Contextos e ideias” conta como surgiu, em Angola, a diferença cultural que depois reclamou a independência política, e “Arame farpado” explica como, na organização da obra, é óbvia a fractura entre a pena cumprida, entre 1961 e 1964, em Luanda, e aquela sofrida no Campo de Trabalho do Tarrafal, até 1972. “Frágeis folhas” são estes Papéis manuscritos, onde o autor “anotou a sua visão do cárcere como observatório excepcional da nação angolana”, que se impõem pelo valor humano, literário e político, mas também pela vida e emoções que os atravessam, bem patentes também nos desenhos, correspondência, recortes de jornais comentados, bilhetes trocados entre presos políticos, etc. A introdução não podia deixar de enquadrar esta obra no contexto da produção da escrita no “Cárcere”, em que Gramsci é, naturalmente, referência óbvia. “Trânsito” explica a travessia vivida entre prisões e “Campo” reflete, enquadrando, sobre os espaços carcerários vividos por dentro enquanto “Literatura” revela com esta é transversal aos papéis da prisão. Em jeito de conclusão, e antes de abordar os dois grandes eixos, a política e o amor – “Angola” e os “Elos [do autor]: Xexe, duas letras, um amor” –, que sustentam a escrita dos papéis, os organizadores caracterizam a “Escrita do cárcere”.

É só um começo este, explicativo, para uma obra fundamental para o conhecimento da história da libertação de Angola, a dos prisioneiros políticos do Estado Novo, e da obra do próprio Luandino. Os estados de alma, o amor, a convicção política, a camaradagem, as reflexões sobre a desumanização imposta pela experiência da prisão tornam emocionante a leitura desta grande obra que se impõe, porém e sobretudo, como uma extraordinária fonte para debate e reflexão.

**Maria do Carmo Piçarra**



José Luandino Vieira  
Caminho  
1088 páginas  
35,90 euros